

Ligas Camponesas, Comunistas e o Triângulo Mineiro nos anos 1940.

Luciano Patrice Garcia Lepera*

Resumo: A criação de diversas Ligas Camponesas na região triangulina de Minas Gerais foi trabalho realizado notadamente por militantes do PCB (Partido Comunista do Brasil), no breve período de legalidade vivida por esta agremiação política nos anos de 1945 a 1947 e nos que se seguiram. Foram as primeiras de que se têm notícias no Brasil, precedidas apenas pela de Dumont, região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, fundada em 1945 também sob a liderança dos comunistas. Reprimidas duramente pelas forças dos poderes públicos e dos latifundiários, deixaram de existir após alguns anos. Num país onde não se fez reforma agrária, é importante que melhor se estudem estas desconhecidas lutas pela terra.

Palavras-chave: Ligas Camponesas, Comunistas, Triângulo Mineiro.

Abstract: The creation of several Peasant Leagues in the triangulina region of Minas Gerais was a work carried through especially by militants of the PCB (Brazilian Communist Party), in the brief period of legality survived by this political association in the years of 1945 to 1947 and in those which followed. Those Leagues were the first ones to be known in Brazil, preceded only by the Peasant League in Dumont, in the region of Ribeirão Preto, state of Sao Paulo, established in 1945, also under the leadership of the Communists. Because of a hard restraint by the forces of the public powers and the large landowners, they stopped existing after some years. In a country where it did not make agrarian reform, it is important to study these unknown fights for the land.

Keywords: Peasant Leagues, Communists, Triângulo Mineiro

As chamadas Ligas Camponesas são criadas no Brasil nos anos de 1940, como explicado por Márcia Motta em seu excelente *Dicionário da Terra* (MOTTA, 2005). Tiveram vida curta em função da violenta repressão que sofreram tanto das oligarquias locais quanto do Estado.

Este texto buscará, através de um breve relato, colaborar na produção e divulgação de informações sobre estes primeiros anos nos quais os camponeses se organizaram em ligas, sob a liderança de militantes do PCB (Partido Comunista do Brasil).

Diferentemente dos movimentos ocorridos na região nordeste do Brasil, a partir do Engenho da Galiléia, em meados dos anos 1950, as Ligas Camponesas do Triângulo Mineiro são praticamente desconhecidas pelos estudiosos dos movimentos camponeses e também daqueles que pesquisam a trajetória do PCB. Provavelmente foram as primeiras do país,

* Especialista em Educação Ambiental (Faculdade Católica de Uberlândia), Bacharel e Licenciado em História (Universidade Federal de Uberlândia), Professor de História no ensino fundamental e médio (rede particular e pública) e Vice-Diretor Pedagógico (Nacional Pré-Vestibulares de Uberlândia).

precedidas somente pela de Dumont, cidade vizinha de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. (WELCH; GERALDO, 1992)

Em sua dissertação de mestrado, Idalice Ribeiro Silva consegue com rara e extrema eficiência, contrapor-se ao discurso e à memória construídos pelas classes dominantes de que Uberlândia sempre foi a terra do progresso e da harmonia entre classes, isenta das contradições entre trabalho e capital. Na até hoje chamada Cidade Jardim, e em sua região, ocorreram inúmeros movimentos sociais dos quais pouquíssimo se sabe. (SILVA, 2000).

Dos autores que trabalham com a temática das lutas do campo, nada conheço que tenha sido escrito sobre a região triangulina. Nos textos de autores que pesquisam o Partido Comunista, também não, excetuando-se a dissertação de Idalice, o livro de memórias de Marco Coelho (COELHO, 2000) e a monografia deste autor (LEPERA, 2003).

O Brasil dos anos 1940, apesar do processo de urbanização de sua população e de industrialização de sua economia, ainda era um país majoritariamente agrário. Segundo o IBGE, de 1940 a 1950 a população rural passou de, aproximadamente, 69% para 64% do total de habitantes.

Nesta época os trabalhadores urbanos organizam-se e mobilizam-se de forma eficiente. Em apenas um ano cresce em 68% o número de sindicalizados, atingindo, em 1946, a cifra de 797.000 o total de pessoas filiadas aos sindicatos de trabalhadores.

O PCB (Partido Comunista do Brasil) reorganiza-se de forma rápida e eficiente no curto período democrático que se sucede ao término do Estado Novo. Uberlândia sedia o Comitê Zonal partidário responsável pela coordenação dos trabalhos em todo o Triângulo Mineiro e sudoeste de Goiás. Na legalidade vivida de 1945 a início de 1947, quando o partido volta a ser proscrito, criaram-se comitês municipais em várias cidades da região, tais como Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Canápolis e Toribaté (atual Monte Alegre).

Nas eleições presidenciais de dezembro de 1945, o candidato do PCB, Yeddo Fiúza, obtém 9,7% dos votos válidos no país. Em Minas Gerais, seu desempenho caiu para pouco mais de 2% dos sufrágios. No Triângulo Mineiro, estas performances são superadas. Na Zona Eleitoral de Toribaté, que compreendia também os municípios de Canápolis, Centralina, Sucuri e Flores, Fiúza consegue 27,5% dos votos e em Uberlândia 16,4%.

Os números demonstram serem, proporcionalmente, a primeira e segunda melhor votação alcançada no Estado. Para efeito comparativo, verifica-se que na capital, Belo Horizonte, o candidato dos comunistas teve 7,5% dos votos e, em Juiz de Fora, apontada por muitos autores como berço do PCB em Minas Gerais, apenas 5,2%.

Em Nova Lima, consegue-se a terceira melhor votação do estado (16,1%) devido à grande presença comunista junto ao operariado desta cidade, como se vê no livro de Yonne Grossi (GROSSI, 1981). Os números das votações foram coletados junto ao arquivo do Tribunal Eleitoral de Minas Gerais pela historiadora Idalice Ribeiro Silva (SILVA, 2000) e o cálculo das porcentagens e as comparações entre as diversas cidades foram feitos por este autor (LEPERA, 2003).

Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, em seu trabalho “Estratégias da Ilusão”, (PINHEIRO, 1981), a questão agrária foi uma das tarefas urgentes para a América Latina na concepção da Internacional Comunista de 1920.

Nos anos 1940, ampliou-se muito o plantio de arroz no Triângulo Mineiro. Era necessária uma grande produção para abastecer o crescente mercado regional, bem como Mato Grosso e Goiás. Camponeses de várias localidades do Brasil se dirigiam para esta região, procurando trabalho junto aos latifúndios, quer como meeiros ou terceiros, quer como diaristas. O trabalho junto a este campesinato foi considerado como área de concentração de esforços do PCB de Uberlândia e região.

Segundo Coelho o trabalho de organização do partido era feito da seguinte maneira:

Saiamos de Uberlândia em caminhões ou em automóveis de companheiros, comendo poeira, no escuro das noites, para burlar a vigilância da polícia e dos “bate-paus” dos fazendeiros. Depois eram as longas caminhadas pelas trilhas, para chegar aos grotões onde residiam e trabalhavam os lavradores. Dormíamos em casebres de pau-a-pique ou nas tulhas de palha de arroz, sob o teto das estrelas. (...) Os lavradores aderiam em massa a um partido que prometia dividir os latifúndios, dando um pedaço de terra a cada família. Eram estruturados em “células por córrego”, única referência geográfica na vastidão dos latifúndios. Nessa atividade, além de dedicados companheiros de Uberlândia, se destacavam Roberto Margonari e Élson Costa. (COELHO, 2000, p. 115)

Roberto Margonari foi vereador do PCB, onde militou por toda sua vida, e Élson Costa foi líder da greve dos caminhoneiros realizada em Uberlândia à época, tornando-se a partir de então profissional do partido. Em janeiro de 1975, Costa, já como membro do Comitê Central do PCB, foi seqüestrado e morto pelos agentes da ditadura militar, não tendo, até o momento, seu corpo sido encontrado.

Ainda sobre a forma que o PCB atuava junto aos camponeses, organizando-os em células por córregos, verifica-se em Neiva que “O Partido Comunista é então estruturado na Colônia, desde as bases: os núcleos dos córregos são organizados como Conselhos de

Córrego. Cria-se o Comitê Distrital, com ação voltada à área específica da Colônia, e o Comitê de Zona, com sede na CANG [...]”. (NEIVA, 2006, p. 115)

A forma de organização do PCB no campo, conforme citações anteriores, podem ser confirmadas por notícia do Jornal Correio de Uberlândia, abaixo transcrita, sobre o trabalho de repressão exercido pela polícia:

Foram realizadas diligências nos córregos de “Condugo”, da Areia dos Bois, do Bálamo, do Bebedouro, do Solta Cavallo, do Cerrado, todos eles pequenos núcleos onde está, de maneira impressionante, difundida a doutrina do Kremlin. Em cada córrego há um ou dois “sabidões”, chefes de células, ignorantes e rústicos, porém, que exercem influência sobre os companheiros.¹

A partir de 1946, várias Ligas Camponesas são constituídas na região. Além das lutas reivindicatórias, prestavam assistência jurídica, médica e odontológica a seus integrantes, bem como promoviam a alfabetização de adultos, atividades culturais e recreativas.

No jornal **O Estado de Goiás**², em diversas edições noticiam-se as atividades de diferentes Ligas tais como as de: *Sucupira, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Capão da Onça, Frutal, Monte Alegre de Minas, São Francisco, Sobradinho, Furnas e Canápolis.*

Canápolis sediaria, em 25 de abril de 1948, um Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, e Noêmia Gouveia³, militante de Uberlândia que já estava a serviço do Partido em Belo Horizonte, é mandada para auxiliar a realização do evento, que acabou não ocorrendo em função da proibição e da repressão por parte da polícia. Em seu relato, Noêmia afirma:

Mas tem um outro que eu já voltei de Belo Horizonte, foi um congresso de Canápolis e Capinópolis que fizeram um encontro e a polícia deu em cima de nós, e nós dormiu num arrozal lá dum companheiro, estragamos tudo o arrozal que nós dormimos no meio do arrozal. [...] No outro dia todo mundo se espalhou, né, cada um foi pra um lado, não foi preso ninguém, esse não foi preso, mas no outro foi. (GOUVEIA, 2003)

¹ Desarticulado em Canápolis um movimento destinado a provocar desassossego e inquietação. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 08/04/1948, ano 11, n. 2.378, p.1, c.1-5 apud SILVA, I. R. **“Flores do Mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954**. 444f. (Dissertação Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.269.

² Apesar do nome, este jornal esteve sediado em Uberlândia durante anos e no período que este artigo abrange, tinha linha editorial afinada com o PCB. No Arquivo Municipal de Uberlândia encontra-se coleção deste periódico.

³ Antiga militante do PCB de Uberlândia na virada dos anos 1940 e 50 tornou-se quadro profissional do partido assumindo o trabalho de organização feminina do Comitê de Belo Horizonte, entre diversas outras atribuições.

Em 1950, na região da Liga Camponesa de Canápolis, radicalizou-se a luta. Como Coelho nos conta (COELHO, 2000), os meeiros da fazenda dos ingleses estavam sendo expulsos da terra, pois os arrozais estavam sendo substituídos por pasto para o gado, que deveria abastecer o frigorífico Anglo de Barretos-SP. Segundo orientação do Partido, os camponeses passaram a arrancar as mudas de capim plantadas, e, conseqüentemente, vários deles são presos, ocasionando o que se demonstra a seguir:

Em Uberlândia decidiu-se promover uma campanha contra a expulsão dos lavradores e libertar os presos na marra. Para tanto, foi organizada uma caravana a Monte Alegre. Os companheiros cercaram a cadeia, mas não puderam invadi-la porque os policiais resistiram. E os presos foram transferidos para a delegacia policial de Uberlândia. Os jornais de Belo Horizonte noticiaram os fatos, denunciando a existência de uma “rebelião comunista” no Triângulo. O chefe do DOPS, José Henrique Soares, seguiu com reforços para Uberlândia. [...] Resolvemos ajudar com o que pudéssemos os camaradas do Triângulo, enviando uma força-tarefa, qual o exército de Brancaleone. Fiquei encarregado de levar equipamento gráfico, quase da época de Gutenberg, pesadíssimo, além de três fuzis, mais a munição. (Ibidem, p. 117)

Esta prática de arrancar as mudas de capim, buscando inviabilizar a substituição de lavouras por pastagens aparece também em texto de Medeiros:

Também lutava-se contra a prática de plantio de capim no terceiro ano de arrendamento da terra para formação de pastos pelos arrendatários, prática comum em várias regiões do país e que tornava estes trabalhadores itinerantes no interior das fazendas e inter fazendas, impedindo-os de plantio de culturas permanentes e de uma vinculação mais permanente com a terra. (MEDEIROS, 2002, p. 159)

A repressão aos movimentos sociais iniciada já em 1946 pelo governo Dutra, aumenta cada vez mais, os comunistas têm o seu partido proscrito e, logo após, são cassados os mandatos de seus parlamentares. Dentro deste contexto, os manifestos políticos de 1948 e de 1950, do PCB, fazem propostas de tal radicalidade que acabam por colaborar no crescente isolamento do partido.

As Ligas Camponesas, das quais aqui tratamos, tiveram vida efêmera, provavelmente de quatro ou cinco anos apenas e foram alvo de tão feroz repressão que nem registros do final de suas atividades são conhecidos.

Num País que não fez a reforma agrária e numa região na qual atuam diferentes organizações que buscam uma melhor distribuição das terras, é extremamente oportuno buscar-se compreender melhor as lutas do passado.

Referências bibliográficas

- COELHO, Marco Antônio Tavares. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000, 528 p.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 255 p.
- GOUVEIA, Noêmia. **Depoimentos**, Uberlândia, 2003.
- GROSSI, Yonne de S. **Mina de Morro Velho**: a extração do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 265p.
- LEPERA, Luciano Patrice Garcia. **Política e movimentos sociais**: o P.C.B. em Uberlândia/MG: 1947-1951. 44f. 2003. Monografia (Graduação em História) – INHIS – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983, 185 p.
- MEDEIROS, Leonilde Servolo. Os trabalhadores do campo e desencontros nas lutas por direitos. In: CHEVITARESE, André Leonardo. **O campesinato na história**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ, 2002, p. 151-181.
- MOTTA, Márcia. **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, 515p.
- NEIVA, Ivany Câmara. Outro terço cantado para Luis Carlos Prestes. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, n. 34, 1 semestre, p. 111-118, 2006.
- PINHEIRO, Paulo S. **Estratégias da ilusão**: a Revolução Mundial e o Brasil – 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1981. 379p.
- SANTOS, Raimundo. **Questão agrária e política**: autores pecebistas. Seropédica/RJ: Ed. da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1996, 202 p.
- SEGATTO, José Antônio. **Reforma e Revolução**: as vicissitudes políticas do PCB 1954-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, 271 p.
- SILVA, Idalice Ribeiro. **“Flores do Mal” na Cidade Jardim**: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- WELCH, Cliff; GERALDO, Sebastião. **Lutas Camponesas no interior paulista**: memórias de Irineu Luís de Moraes. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 213 p.